

**KARL MARX E A HISTÓRIA DA EXPLORAÇÃO DO HOMEM:
DISCUTINDO AS CATEGORIAS MARXISTAS
TRABALHO, ALIENAÇÃO E MAIS-VALIA**

RESUMO

O pensamento de Karl Marx marcou como um “corte de navalha” o pensamento ocidental do século XIX. Em sua trajetória intelectual desenvolveu importantes conceitos, entre eles: “trabalho alienado” e “mais-valia”. Esses conceitos, apesar de permearem praticamente toda a obra de Karl Marx, estão presente de forma mais profunda nos “Manuscritos Econômicos-Filosóficos” (1844) e “O Capital” (1867), respectivamente. Este trabalho tem como objetivo fazer uma (re)leitura dos conceitos citados.

Palavras-chave: marxismo, trabalho, alienação e mais-valia

INTRODUÇÃO

O pensamento do revolucionário e socialista Karl Marx foi o marco divisório da história política da humanidade. Inspirada em suas idéias, grande parcela da população mundial encabeçou a revolução socialista com o objetivo de coletivizar as riquezas e distribuir a justiça social. Além da política e da economia, o marxismo influenciou outros setores como o social, o cultural e o educacional.

Singer (1980) afirma, talvez com um certo exagero, que o impacto da figura de Marx só pode ser comparado ao das figuras de Jesus ou Maomé. Marx influenciou pensamentos, ações e comportamentos, além das sociedades socialistas. Governos conservadores como Syngman Rhee, da Coreia do Sul; Chiang Kai-shek, da República da China e Augusto Pinochet, do Chile, lançaram mão de reformas radicais para sufocar movimentos revolucionários marxistas. Outros foram mais longe: figuras autoritárias como Hitler e Mussolini adotaram regimes totalitário, como uma saída contra a ameaça

marxista. Mesmo onde não havia perigo eminente de revolução interna, a existência do marxismo em outros países já era uma boa desculpa para que os governantes aumentassem seu armamento e reduzissem os direitos individuais em nome da segurança nacional, como ocorreu no Brasil durante a Ditadura Militar.

A complexidade do pensamento de Marx deve-se a uma vida intensa dedicada a uma carreira intelectual. Aos 17 anos, começou a estudar Direito em Bonn, depois transferiu-se para Berlim onde desviou seus estudos do Direito para a Filosofia. Após defender sua tese de doutoramento, em 1841, e ver frustradas suas expectativas de trabalho na Alemanha, Marx casou-se com Jenny Von Westphalen e foram morar na França. Lá entraram em contato com radicais socialistas que viviam concentrados naquele centro de pensamento progressista.

Durante o ano de 1844, Marx trabalhou seu pensamento filosófico dentro de uma perspectiva mais ampla: economia, política, e uma concepção dos processos históricos que movem o mundo. Nesse momento, Marx já podia se autodenominar como comunista, algo que era bastante comum na Paris daquela época. Naquele mesmo ano teve início sua amizade com aquele que viria a ser seu parceiro intelectual até sua morte, em 1883, o também alemão Friedrich Engels¹.

Algumas influências foram marcantes no pensamento de Marx. Boa parte de sua obra se traduz numa leitura crítica da filosofia de Hegel, de quem Marx observou e aplicou, especialmente, o método dialético². Mas também foi significativa para Marx a influência do pensamento socialista utópico³ do século XIX, pois ele dialoga com o pensamento de autores como Claude Henri Saint-Simon, Charles Fourier e Pierre Joseph Proudhon. Apesar de não compartilhar do socialismo utópico, Marx valorizou o pioneirismo desses críticos à sociedade burguesa. Também dirigiu uma crítica aos economistas clássicos ingleses, em particular, a Adam Smith e David Ricardo.

¹ As informações sobre a vida de Marx neste trabalho têm como referência a biografia do autor contida na obra de Peter Singer: **MARX**. São Paulo: Loyola, 1980.

² Método dialético é uma categoria criada por Hegel e utilizada por Marx para explicar as mudanças importantes ocorridas na humanidade através dos tempos.

³ O socialismo utópico refere-se à teoria dos primeiros pensadores do sistema econômico socialista. Eles desenvolveram suas idéias sugerindo mudanças radicais, dando ênfase a uma sociedade mais justa, fraterna e com igualdade social, mas teoricamente eles não sabiam como colocar em prática, mas deixaram uma análise crítica de toda a evolução da economia capitalista

Foram todos esses elementos, e a parceria com Engels, que ocuparam o pensamento de Marx até o fim de sua vida e possibilitaram o desenvolvimento de suas teorias, hoje um grande legado intelectual para humanidade. Todo esse legado é marcado pelo desenvolvimento de conceitos que se tornaram singulares ao pensamento marxista: “trabalho”, “alienação”, “mais-valia”, “valor”, “classes sociais” e “modo de produção”.

Este artigo, objetiva, portanto, eleger algumas dessas categorias marxistas com as quais pretende-se aqui dialogar: “trabalho alienado” e “mais-valia”. Ao abordar o conceito de trabalho alienado, busca-se compreender a problemática da alienação humana nos processos produtivos da sociedade capitalista. Tal problemática é trabalhada por Marx na obra “Os Manuscritos Econômicos- Filosóficos” (1844). Esta obra representa um momento importante da construção da metodologia marxista, por delimitar a introdução da economia política em seu pensamento e por marcar uma estreita relação intelectual com Engels.

Quanto ao conceito de mais-valia, pretende-se aqui, abordá-lo como o momento de geração de valor pelo trabalhador no processo de produção da sociedade capitalista. Esta questão é abordada por Marx em “O Capital” (1867). Foi nela que o autor lançou ao público, de forma mais completa, suas teorias econômicas. Aqui Marx analisa as condições de vida dos trabalhadores ingleses na época das transformações econômicas e políticas provocadas pela Revolução Industrial, exatamente na fase de afirmação do capitalismo industrial moderno⁴.

Os Manuscritos de 1844: trabalho alienado e trabalho estranhado

Embora não seja o primeiro texto no qual apreciou o tema acerca do trabalho, é nos “Manuscritos Econômicos-Filosóficos”, de 1844, que Marx oferece um esboço

⁴O capitalismo industrial é uma fase do sistema econômico capitalista, que surge em meio a um processo de revoluções políticas e tecnológicas, na segunda metade do século XVIII. Nessa fase é superado o capitalismo comercial, também chamado de mercantilismo, que surgiu em fins do século XIV e vigorou até então. Muitos fatores econômicos, sociais e políticos contribuíram para o desenvolvimento do capitalismo industrial moderno.

inaugural mais elaborado sobre aquele assunto, articulando-o com vários outros. A alienação em Marx, significa o processo por meio do qual a essência humana dos operários se objetiva nos produtos do seu trabalho e se contrapõe a eles por serem produtos alienados e convertidos em capital. Na obra em discussão, ao tratar da categoria trabalho, Marx toma-a como a categoria central da produção e reprodução da vida humana, a atividade primária, necessária e natural do homem (Chagas, 1994:23).

Nos “Manuscritos Econômico-Filosóficos”, o trabalho é abordado sob duas acepções: a particular e a geral. Na primeira, o trabalho é visto como uma atividade produtiva de importância vital para a humanidade; na segunda, na forma da visão do trabalho. É aqui que a atividade do trabalho encontra-se estruturada em moldes capitalistas, tornando-se o sustentáculo e base de todo estranhamento. Assim, a realização do trabalho surge de tal forma como desrealização, que o próprio trabalho se invalida até a morte, pela fome do trabalhador. A objetivação apresenta-se como a perda dos objetos necessários à vida e ao trabalhador. O momento do estranhamento no trabalho coloca-se entre o homem e a sua atividade, fazendo com que o homem não sinta prazer nem realização no seu trabalho.

Chagas (1994), chama a atenção para o fato de que Marx não critica o trabalho enquanto tal, mas apenas uma forma específica de trabalho onde se realiza estranhamento, enquanto reconhece no trabalho a própria essência do homem. Destarte, “o trabalho é a principal atividade de produção e reprodução da existência material do homem, isto é, condição imprescindível para a perpetuação da espécie humana” (Oliveira, 2007:93).

Segundo Chagas (1994), todo processo de objetivação traz consigo o momento da alienação, embora nem toda alienação seja um estranhamento. Somente nas relações que têm por base a propriedade privada dos meios de produção é que o processo de objetivação traz consigo o momento do estranhamento, pois a objetivação se traduz na perda do objeto e a atividade produtiva leva à descaracterização e desumanização do homem.

Para Marx, o capitalismo vê a força de trabalho como uma mercadoria, mas não uma mercadoria qualquer. Enquanto a mercadoria em forma de objeto, coisa, se

desgasta com o uso, a mercadoria – trabalho – , ao contrário, funciona como uma forma de criação de valor. O economista clássico inglês Adam Smith já havia proclamado o trabalho como uma verdadeira, ou talvez única, fonte de riqueza das nações. Marx vai além dessa perspectiva, ao afirmar que o trabalho executado sobre determinado objeto provoca neste uma espécie de “ressurreição” . Todo objeto produzido pelo homem carrega em si um trabalho passado, morto, que só pode ser reanimado por outro trabalho.

Marx afirma que o capitalismo alienou, separou o trabalhador dos seus meios de produção – terra, ferramentas, máquinas, matéria-prima etc. Isto porque no capitalismo esses elementos são de propriedade privada dos capitalistas. Reforça-se aqui o princípio da alienação, que se traduz na perda do controle do homem sobre o produto de seu trabalho que, assim como os meios de produção, também pertence ao capitalista.

Marx desenvolveu a idéia de que a economia é o principal meio pelo qual o homem entra no processo de alienação e acredita que a força material necessária para libertar a humanidade da dominação econômica está na classe trabalhadora. De acordo com a economia clássica, o trabalho tornou-se uma mercadoria cuja produção está sujeitas às leis da oferta e da procura. E “argumenta que a propriedade privada , a competição, a ganância e assim por diante só podem ser encontradas numa condição particular de existência humana, numa condição de alienação” (Singer, 1980: 44).

O trabalho como atividade produtiva livre é para Marx a essência da vida humana. Qualquer objeto que venha a ser produzido traduz a essência da vida humana transformada nesse objeto físico, qual seja: uma mesa, uma roupa, uma estátua. Idealmente, esses objetos seriam dos próprios trabalhadores para que eles pudessem dispô-los da forma que bem desejassem. Entretanto, em condições de trabalho alienado, quando os trabalhadores produzem os objetos sobre os quais não tem nenhum controle (os objetos pertencem ao capitalista), esses objetos passam a ser usados contra os próprios trabalhadores, como consequência do aumento da riqueza e do poder dos capitalistas. Dessa forma, os trabalhadores estão alienados de sua humanidade essencial.

Em consequência dessa alienação dos homens em relação à sua própria natureza eles também alienam-se uns em relação aos outros. E a atividade produtiva acaba se transformando em uma “atividade sob a dominação, a coerção, e o jugo de outro

homem” (Singer, 1980: 45). Aquele que se encontra em situação de dominação torna-se estranho e hostil aos outros e as relações que deveriam ser de cooperação passam a ser de competição. Os homens distanciam-se uns dos outros, deixam de se reconhecer no seu semelhante, sua natureza humana comum e passa a ver nos outros um instrumento para promover seus próprios interesses egoístas.

Marx afirma que o trabalho assalariado não representa uma atividade produtiva livre. Ele passa a ser, ao se transformar em mercadoria, um meio para se alcançar determinado fim, tornando-se, assim, uma atividade sem motivação. Já a motivação do capitalista para investir na produtividade é mesmo o lucro. A importância do trabalho produtivo nunca é lembrada. Na aplicação do capital o meio mais útil é o que assegura ao seu proprietário o maior lucro possível, mesmo que este investimento não seja o mais benéfico para a sociedade.

As mais importantes operações do trabalho são movidas pelos planos de especulação dos que detém o capital, tendo como objetivo primordial o lucro. Os interesses que movem o desenvolvimento de atividades lucrativas é, de certo modo, diferente do interesse público e revela-se quase sempre antagônico.

Ainda nos “Manuscritos Econômico-Filosóficos”, Marx relaciona o trabalho alienado ao empobrecimento do homem. Para ele, à medida que produz mais riquezas o trabalhador torna-se mais pobre, torna-se uma mercadoria tanto mais barata quanto for a quantidade de objetos que o homem produz. Com a valorização das “coisas”, produto do trabalho humano, aumenta a desvalorização do homem à medida que este se desgasta física e intelectualmente. Por outro lado, o objeto que o homem produz opõe-se a ele, torna-se um ser estranho, com um poder independente de seu produtor. Mas o produto do trabalho é o trabalho que se materializou, que transformou-se em “coisa” física.

A realização do trabalho aparece na esfera da economia política como desrealização do trabalhador. E a sua objetivação como perda e servidão do objeto, como alienação. A realização do trabalho surge de tal modo como alienação do trabalhador que este invalida-se até a morte pela fome. Enquanto a objetivação revela-se como perda do objeto a tal ponto que o trabalhador priva-se até dos meios necessários a sua vida; e o trabalho também transforma-se em objeto que o trabalhador só consegue com muito esforço. A apropriação do objeto manifesta-se como alienação

a ponto de quanto mais o trabalhador produzir, menos ele possui e mais se submete ao jugo do capital.

O trabalhador se relaciona com o produto de seu trabalho como algo estranho. Quanto mais ele esgota suas potencialidades: força, criatividade, inteligência, mais poder o objeto por ele produzido adquire e mais pobre fica o trabalhador na sua vida genérica, interior. Nem mesmo ele pertence a si próprio, pois coloca sua vida naquilo que produz a ponto de não mais pertencer a si mesmo, mas ao objeto produzido. O que o trabalhador incorporou de si no objeto já não lhe pertence mais, e sim ao capital.

Na verdade a alienação é isso: o trabalho se transformou no objeto e assumiu uma existência independente de seu produtor e estranha a ele. A vida que o trabalhador deu ao objeto tornou-se uma força hostil e contrária a ele. É na alienação do trabalho, no objeto que revelam-se as leis da economia política moderna: quanto mais o trabalhador produz, menos pode consumir; quanto mais cria valor para a mercadoria, mas sem valor e desprezível se torna; quanto mais qualidade ele der ao produto que faz, mais desqualificado fica; quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente fica o trabalhador; quanto mais pleno de inteligência fica o trabalho, mais o trabalhador diminui-se em inteligência e assume uma condição de escravo.

Explica Marx que a alienação do trabalhador não está somente no produto do trabalho, mas também no processo de produção, no interior da propriedade produtiva onde o trabalho humano é expropriado do trabalhador pelo capitalista. O trabalhador, numa relação alienada com o produto de seu trabalho, aliena a si mesmo no processo de produção e na alienação do objeto do trabalho. Para Marx, a economia política oculta esta alienação na característica do trabalho, na medida em que não analisa a relação entre o trabalhador com seu trabalho e a produção. É nela que se torna evidente a seguinte situação: o trabalho produz benéficos materiais para os ricos, mas produz escassez e miséria para o trabalhador.

De acordo com Marx (2005), a alienação do trabalho consiste nos seguintes pontos:

1- o trabalho é exterior ao trabalhador, fora dele e não identifica se com ele e, por isso, ele não se afirma no trabalho, nega a si mesmo, é infeliz e não desenvolve livremente suas energias, esgota-se fisicamente e arruína seu espírito.

2- o trabalhador se sente fora de si no trabalho, deslocando-se de uma atividade espontânea em uma atividade forçada, imposta.

3- o trabalho não constitui a satisfação de uma necessidade, mas um meio para satisfazer necessidades outras.

4- o trabalho que aliena o homem é para ele um martírio.

5- E, finalmente, a estranheza do trabalho para o trabalhador está no fato de que ele não lhe pertence, mas pertence ao outro.

Assim, pode-se perceber que o homem só se sente livre nas suas atividades animais: comer, beber, fazer sexo. Enquanto nas funções exclusivamente humanas, como o trabalho, vê-se reduzido à condição de animal. Aqui há uma inversão de papéis: o que é animal torna-se humano e o que é humano torna-se animal.

Além da relação do trabalhador com o produto do trabalho e a relação do trabalho com o ato da produção, Marx encontra ainda outra dimensão do trabalho alienado. Esta diz respeito à alienação do homem em relação a sua vida “genérica”, que é a alienação do homem em relação ao próprio homem. Quando o homem se contrapõe a si mesmo entra em oposição com os outros homens. Isto é percebido na relação do homem com seu trabalho, com o produto do seu trabalho e consigo mesmo, constata-se também na relação do homem com outros homens. O trabalho alienado aliena o homem de sua espécie e transforma a vida “genérica” em um meio de vida individual. Na medida em que o trabalho alienado toma do homem o elemento de sua produção, está tirando-lhe, da mesma forma, a sua vida “genérica,” a sua objetividade como ser “genérico” e colocando- em desvantagem em relação ao animal. Transforma a vida “genérica” do homem em um meio à sua existência física.

Apesar de todas essas condições que alienam o homem e seu trabalho no processo de produção no interior da sociedade capitalista, Marx consegue vislumbrar uma saída para essa situação. Entende ele que, assim alienado, separado e mutilado, o homem só pode recuperar sua condição humana através da crítica radical ao sistema econômico capitalista, à política e filosofia que o excluíram da efetiva participação na vida econômica e social. Essa crítica se concretiza na *práxis*, ou seja, na ação política consciente e transformadora. É nessa perspectiva que os marxistas direcionam a crítica

da sociedade à ação política, considerando que Marx propôs mais que uma nova maneira de pensar a sociedade, propôs um projeto de ação para transformá-la.

Não obstante, Marx considera o trabalho como algo útil e concreto, que tem como objetivo produzir valores de uso para as necessidades humanas. Para o autor, são as atividades de trabalho que mediam a relação do homem com a natureza, diferenciando-o do animal:

O animal produz apenas sob a carência física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre de carência física, e só produz, primeira e verdadeiramente, na (sua) liberdade (com relação) a ela; o animal só produz a si mesmo, enquanto o homem reproduz a natureza inteira; (no animal) o seu produto pertence imediatamente ao seu corpo físico, enquanto o homem se defronta livre(mente) com o seu produto. O forma apenas segundo a medida e a carência da espécie à qual pertence, enquanto o homem sabe produzir segundo a medida de qualquer espécie a qual pertence, enquanto o homem sabe considerar por toda parte, a medida inerente ao objeto o homem também forma, por isso, segundo as leis da beleza (MARX,2004, p.85).

A produção da mais-valia

O Capital foi o coroamento da produção intelectual de Marx, o centro da obra de sua vida. Seu objeto era, como o próprio Marx anuncia no Prefácio ao Volume I, revelar as leis econômicas que moviam a sociedade moderna. Pensadores da área da economia como Adam Smith, autor de “A Riqueza das Nações” (1776) e David Ricardo, autor de “Os Princípios da Economia Política e da Tributação”(1817), anteriores a Marx, já haviam identificado outros aspectos do funcionamento da sociedade capitalista moderna. Entretanto, Marx procurou entender esta mesma sociedade dentro de uma perspectiva mais global. Coerente com o método de análise e concepção de história, analisou o capitalismo como um modo de produção historicamente transitório cujas contradições internas o levariam à queda.

A principal questão abordada por Marx em “O Capital” é a teoria do valor-trabalho, segundo a qual as mercadorias - produtos vendidos no mercado - são trocadas em proporção ao tempo de trabalho socialmente necessário para a sua produção, gerando assim, a mais-valia criada pelos trabalhadores, ou seja, o valor que o capitalista consegue extrair da força de trabalho que compra acima do valor de troca que

irá pagar. A mais-valia torna-se, assim, a fonte dos lucros sobre os quais o capitalismo, enquanto um sistema econômico, se sustenta.

Para melhor compreender como a mais-valia é produzida, tomaremos como exemplo o caso de um trabalhador de uma fábrica que com seu trabalho confecciona um par de sapatos a cada três horas. Durante esse período ele cria uma quantidade de valor equivalente ao seu salário, uma quantia suficiente à sua subsistência. Mas, na realidade, este trabalhador passa muito mais tempo na fábrica do que as três horas em que produz o valor de seu salário. Como o dono do capital lhe paga por um dia de trabalho, este exige que o trabalhador produza o máximo durante esse período.

De acordo com Costa (1987), a duração da jornada de trabalho resulta de um cálculo que leva em consideração o quanto interessa ao capitalista produzir para obter lucro sem desvalorizar seu produto. Vejamos o caso de uma jornada estipulada pelo capitalista em nove horas – três vezes maior que a jornada de três horas - ao final das quais o operário tem produzido três pares de sapato, cada par custando, por exemplo, 75 reais. Acontece que agora esses pares de sapato custam menos ao capitalista, pois, no cálculo do valor dos três pares de sapato, a quantia investida em meios de produção – matéria-prima, energia, desgaste das máquinas, etc.. - também foi multiplicado por três, mas a quantia relativa ao salário, correspondente ao dia de trabalho permanece a mesma. Dessa forma, o valor de cada par de sapato é reduzido de 75 para 65 reais.

Esta conclusão, segundo Costa (1987), pode ser deduzida do seguinte cálculo:

Situação 1- custo do par de sapato numa jornada de trabalho de três horas:

Meios de produção = 60 reais

Salário do trabalhador = 15 reais

Total = 75 reais

Situação 2 – custo do par de sapato numa jornada de trabalho de nove horas:

Meios de produção = $60 \times 3 = 180$ reais

Salário do trabalhador = 15 reais

Total = 195 reais

195 : 3 = 65 reais

Dessa maneira, ao final da jornada de trabalho, o operário recebe somente 15 reais, mas o seu trabalho rendeu muito mais ao capitalista. Este valor a mais criado pelo trabalho do operário não retorna a ele: incorpora-se no produto (sapato) e é apropriado pelo capitalista. Assim, uma coisa é o valor do trabalho – isto é o salário pago ao trabalhador – a outra coisa é quanto esse trabalho rende a mais ao capitalista. Esse valor excedente é o que Marx chama de mais-valia. Para Marx há duas maneiras sobre as quais o capitalista pode obter a mais-valia. A primeira, através do prolongamento da jornada de trabalho, como foi exemplificado acima, num processo denominado “mais-valia absoluta”. Mas, é importante lembrar que o limite entre o desejo de aumentar o capital e o prolongamento puro e simples da jornada de trabalho esbarra no esgotamento físico e mental do trabalhador. A segunda, podemos imaginar aqui uma outra situação cujo trabalho se desenvolve dentro de uma indústria mecanizada e altamente produtiva. Com a mesma jornada de trabalho de nove horas, agora se produz um número maior de mercadoria. Suponhamos que aqui um só trabalhador produza vinte pares de sapatos. Isto não se torna vantajoso para ele pela seguinte razão: a mecanização do trabalho exige menos habilidade e conhecimento técnico do trabalhador. Nessa situação a força de trabalho vale cada vez menos e, graças à tecnologia empregada, produz cada vez mais. O aumento da produção é, conseqüentemente, o aumento do lucro. Isto é a “mais-valia relativa”. Mas, em contrapartida é cada vez mais a desvalorização do trabalhador.

É importante lembrar que a teoria do valor (uso e troca) foi formulada por Adam Smith e encontra-se na base da economia política. Marx, no entanto, faz uma crítica a ela nos termos da descoberta da mais-valia. Os exemplos comparativos colocados acima ajudam-nos entender a questão da mais-valia, que na teoria marxista é bastante complexa: a força de trabalho é uma mercadoria, e como toda mercadoria tem um valor de troca e um valor de uso. O primeiro é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário envolvido para manter o trabalhador vivo, e para sustentar seus filhos que irão substituí-lo enquanto mão de obra a serviço do capitalismo; o segundo, o valor de uso, é o próprio trabalho, e uma vez que o trabalhador tenha sido empregado, o capitalista explora o máximo a sua força de trabalho.

Mas o trabalho é a fonte de valor de uso e, além disso, o trabalhador criará durante um dia de trabalho mais valor do que o capitalista paga por sua jornada de trabalho. O

que importa, para o capitalista, foi o valor de uso específico desta mercadoria ser fonte de valor de troca, e de mais valor do que ela mesma possui.

Marx afirma que mesmo sendo o produto do capitalista o valor de uso – calçados, roupas, etc.. - ele não fabrica essas mercadorias por paixão. Primeiro, produz valor de uso apenas para se tornar detentor do valor de troca, um artigo destinado a venda, uma mercadoria. Segundo, procura produzir uma mercadoria de valor superior ao valor do conjunto das mercadorias necessárias para produzi-la. Mais do que produzir valor de uso o capitalista objetiva produzir a mercadoria que, enquanto valor de troca, produz a mais-valia.

Ao comparar o processo de produzir valor com o de produzir mais-valia, Marx afirma que o segundo só difere do primeiro por se prolongar além de um certo ponto: o processo de produzir valor dura até o ponto em que o valor da força de trabalho pago pelo capital é substituído por um equivalente, além desse limite o processo de valor torna-se processo de produzir mais-valia.

A relação entre o processo de produzir valor e o processo de trabalho, está no trabalho útil para produzir valor de uso. Na produção de valor, o mesmo processo de trabalho é considerado apenas no aspecto qualitativo e as mercadorias que entram no processo de trabalho são consideradas quantidade de trabalho materializado, contido nos meios de produção ou acrescido pela força de trabalho, só se conta o trabalho conforme sua duração: em horas ou dias.

Quanto ao tempo aplicado na produção de valor de uso, só se considera o tempo de trabalho socialmente necessário. Mas isto não é pouco. A força de trabalho deve estar em condições normais de funcionamento. Se o instrumento de trabalho socialmente dominante for a máquina de fiar, o trabalhador não deve por a mão na roda da máquina de fiar. Ele deve receber o algodão a todo instante. Nos dois casos o trabalhador gastaria muito mais tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de um quilo de fio, mas esse tempo excedente não geraria valor em dinheiro. O que significa que a normalidade dos fatores materiais do trabalho não depende do trabalhador, mas do capitalista. Outra questão é a normalidade da força de trabalho. O trabalhador deve possuir uma certa habilidade e rapidez na especialidade à que se dedica. Mas o capitalista comprou a força de trabalho de qualidade normal. Essa força deve ser gasta

conforme a costumeira quantidade média de esforço, pois o capitalista está atento a isso e zela para que não se passe tempo sem trabalho. Ele comprou a força de trabalho por um tempo determinado, quer receber o que é seu, teme ser roubado.

É na relação de trabalho, produção e circulação de mercadoria que Marx afirma estar a exploração do homem pelo homem. Nesse processo surge a mais-valia um dos principais conceitos de Marx. Aqui temos o que Engels, em seu discurso fúnebre no velório de Marx descreveu como a segunda das grandes descobertas de Marx: “a descoberta da mais-valia”, a primeira teria sido “as leis da história”.

Considerações finais

É importante lembrar o reconhecimento de Marx de que a exploração econômica e opressão política do homem pelo homem sempre tenha existido em todas as sociedades. O que ele visualizou de diferente na sociedade moderna ocidental, é que nas sociedades anteriores os dominados tinham consciência de suas condições: o escravo sabia que era propriedade de um senhor que lhe explorava, o servo sabia que o dono do feudo arrancava-lhe a maior parte do que plantava e colhia. No capitalismo, ao contrário dos outros sistemas, o trabalhador pensa que é livre e que é justo que o fruto do seu trabalho possa pertencer a outro, em troca de um salário.

Para Marx, esse salário não paga o trabalho, mas apenas uma parte dele, a outra fica com o capitalista. E mesmo que o salário pagasse o trabalho todo, Marx ainda o considerava injusto, pois para ele, qualquer salário é injusto porque a relação de assalariamento em si é injusta. Isto porque separa o trabalhador do resultado de seu trabalho e tira-lhe a sua humanidade. No entanto, essa injustiça não é percebida pelo trabalhador por causa da “ideologia⁵”, uma concepção de mundo gerada pela classe dominante, mas que a classe dominada assume como se fosse sua forma de pensar.

Marx e seu parceiro Engels acreditavam haver descoberto as leis da história. Essas leis lhes diziam que chegaria o momento em que o desenvolvimento das forças

⁵ A expressão ideologia em geral é utilizada para nomear um conjunto de crenças, valores e atitudes culturais que servem de base e, por isso, justificam até certo ponto e tornam legítimo o status quo ou movimentos para mudá-lo.

produtivas geradas pelo capitalismo inevitavelmente entrariam em contradição proporcionando o momento ideal para uma revolução política e social. Para muitos estudiosos de Marx aqui está sua utopia: acreditar que desta revolução surgiria uma sociedade, sem explorados nem exploradores, sem alienação, sem ideologia e sem classes sociais.

No entanto, o que fica evidente quando se busca compreender o pensamento de Marx é que a luta contra a exploração e a favor da emancipação do homem é algo que vai muito além da discussão teórica. Percebe-se a existência de um grande fosso entre a “vontade de realização do sonho da liberdade humana e a objetividade histórica de efetivação dessa utopia” (Oliveira, 2007: 26). O que não diminui a grandeza do pensamento marxista. As obras de Marx sempre serão uma grande referência para se compreender os aspectos políticos e econômicos de qualquer momento histórico, inclusive o atual.

Referências bibliográficas

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

CHAGAS, Eduardo Ferreira. **Diferença entre alienação e estranhamento nos Manuscritos Filosóficos (1844) de Karl Marx**. In: Revista Educação e Filosofia, v 8 n° 16 jul/dez. 1994. UFU, CSHA, Departamento de Filosofia da Educação e princípios e organização da prática pedagógica.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia – Introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: Moderna, 1987.

RICARDO, David. **Princípios de economia política e tributação**. Apresentação de Paul Singer. (Os Economistas) São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MALAGODI, **O que é materialismo dialético**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

_____. **Manuscritos Econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **O capital: crítica da economia política**. Volume 1. 2ª Edição . S\local. Civilização Brasileira, s\d. (Coleção Perspectiva do Homem, volume 38. Série Economia).

MAZZEO, Antonio Carlos. **Sociologia política marxista**. São Paulo: Cortez, 1995.

OLIVEIRA, Jorge Luís. **Alienação, Trabalho e Emancipação Humana**. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Vozes, 2007.

SANDRONI, Paulo. **O que é mais-valia**. São Paulo: Brasiliense ,2005.

SINGER, Peter. **Marx**. São Paulo: Edições Loyola. 2003.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**. São Paulo (Col. “Os economistas”): Abril Cultural, 1983.